

---

## A saúde dos ecossistemas, nossa saúde

A floresta é berço de diversidade, o que quer dizer origem de vida. Quando a floresta está sã, dela brota a água, o ar é mais puro e cheiroso, de seus múltiplos recursos é possível obtermos amparo, nos dá de presente alimentos, a arte se expressa na miríade de cores e matizes que se desdobram e ocultam ciclicamente, e em meio de toda essa beleza e prodigalidade é possível sentir de alguma forma o amor que a natureza divide com todos seus seres.

Tod@s nós, como indivíduos da espécie humana, também fazemos parte desse ecossistema já que estamos interligados a ele. E não apenas os povos indígenas que habitam a floresta. Também os moradores das cidades, dos desertos e das montanhas dependemos das florestas, do papel fundamental que elas têm no planeta. Porém, em algum momento da história começaram alguns processos que fizeram com que nos separássemos, e que muitas vezes foram apagando da memória o eco dos sistemas. E assim, permitimos que a saúde ficasse fora de tod@s nós...

É por isso que falar da defesa das florestas é falar de saúde. Mas também corresponde definir de qual saúde falamos ao falarmos de saúde.

Em muitos casos, a saúde é equivalente à ausência de doença e a forma de obtê-la é baseada no atendimento médico e/ou os medicamentos. Portanto, falando do direito à saúde, em geral, a referência é ao direito a ter acesso à medicina- a oficial e dominante- e seus recursos. Os indicadores registram dados quantitativos- quantos médicos e hospitais existem por habitante, índices de nascimento, mortalidade e estado nutricional, descrições da distribuição de doenças infecciosas ou crônicas- a fim de medir a saúde de uma população.

No estágio neoliberal do capitalismo que estamos vivendo, a saúde foi transformada- como tantas outras coisas- em mercadoria. Os laboratórios e a indústria farmacêutica crescem devido às guerras, e agitando a bandeira da paz e a saúde assaltam as florestas e se apoderam das propriedades curativas de suas plantas e árvores, tirando proveito graciosamente- gratuitamente- dos conhecimentos acumulados pelas comunidades usando a técnica de tentativa e erro, geração após geração. As bondades sanadoras dos produtos da floresta, antigamente gratuitas, foram patenteadas, embaladas, rotuladas e comercializadas pelas empresas, com altos custos para os consumidores.

O conceito de saúde dos povos originários, em geral, é dinâmico e holístico. Para os matsigenkas amazônicos da bacia do rio Urubamba no Peru, a saúde é estar sãos e passar bem, incluindo como apenas um dos elementos disso tudo a saúde física. Para eles “estar sãos” reflete aspectos da vida que a ciência ocidental poderia separar em biológico, ambiental, social e psicológico, e não apenas aspectos biomédicos. Atingidos pelo Projeto de Gás de Camisea- um grupo de consórcios voltados para a exploração e transporte de gás na bacia do rio Urubamba (vide boletim nº62 do WRM)- os matsigenkas relacionam a deterioração de seu estado de saúde com as novas ansiedades e conflitos sociais que surgiram com o “desenvolvimento” dessa área (as reiteradas tentativas desde inícios dos anos 80 de encontrar e explorar os hidrocarbonetos), as mudanças sociais dramáticas que ocorreram e o esforço por manterem seus valores e formas de vida.

---

No México, para os Mixes de Santo Domingo de Tepuxtepec, para os Zapotecos de San Juan Tabaá, para os Chatinos de Nopala, as energias da natureza são consideradas como influentes e responsáveis pela saúde do ambiente e da comunidade. Em consequência, também dos indivíduos. Sua cultura está intimamente relacionada com a natureza que é considerada ao mesmo tempo como mundo natural e sobrenatural. Para eles, a colina é a sua vida; as árvores, irmãs; a floresta, um lugar para respeitar; as flores e plantas, fonte de ajuda para sarar; a água, o sangue que nutre seus campos; os rochedos, proteção e força; o sol, o pai da vida; a terra, a mãe que dá tudo o que for necessário para viver. E ao redor dessas imagens do entorno encontram-se todos os elementos espirituais herdados dos antepassados e aprendidos desde crianças no seio da família e a comunidade. Quando isso tudo está em equilíbrio, há saúde. É desta forma que o entendem.

Uma das definições da Organização Mundial da Saúde afirma: “A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de afecções ou doenças”. Trata-se de um conceito que significa um grande avanço a respeito da limitação que equipara a saúde com o acesso ao atendimento médico. Contudo, cabe fazermos a pergunta qual o Estado que pratica esta noção em suas políticas sanitárias? E na própria OMS, até que ponto suas políticas e posições representam uma visão em que a ausência de doença esteja intrinsecamente unida a fatores econômicos, políticos e sócio-culturais?

Por outra parte, a definição da OMS oferece um contexto geral de referência que pode ser aceitável para muitas culturas porém não abrange os costumes específicos e as tradições de saúde das diferentes culturas do planeta. O conceito de doença mental, por exemplo, varia. Em muitos povos indígenas, a pessoa que ouve os espíritos falarem é vista com reverência e convive com a comunidade. Na cultura ocidental e urbana, pelo contrário, é caracterizada como esquizofrênica, medicada e talvez reclusa em uma instituição psiquiátrica.

Os próprios povos indígenas de diferentes culturas, ao se encontrarem pela primeira vez, ficam espantados porque dividem a mesma cultura básica originária, apesar de terem grandes diferenças entre eles. E consideram que o que os faz diferentes da sociedade ocidental dominante é uma relação com a natureza na qual não estão fora dela mas que fazem parte integralmente, e a noção de que não pode existir um interesse econômico superior à necessidade de preservar o ecossistema, porque a bonança do presente não pode ser feita à custa da desolação do futuro.

Nas sociedades ocidentais ou em sociedades que não foram invadidas e impregnadas dessa visão dominante, o “desenvolvismo” coloca o ser humano fora da Natureza e inclusive contra ela e os problemas de saúde são abordados a partir de uma ciência fragmentada, que cada vez mais secunda os interesses comerciais e ostenta uma atitude de dominação.

Recuperar o pensamento ecossistêmico, refletir em função da saúde dos ecossistemas permite compreender que a saúde e a vida das pessoas estão relacionadas com a saúde e a vida de todos os componentes do ecossistema: o solo, a água, a flora, a fauna, o ar e, obviamente, o ser humano, com suas relações sociais, políticas, econômicas e ambientais. Essa noção de inter-relação produz uma ética diferente daquela do sistema dominante, uma ética respeitosa da vida. E também uma lógica que obriga a que o foco de atenção das políticas, as estratégias e os planos estejam centrados na saúde dos ecossistemas.

Por Raquel Núñez, WRM, correio electrónico: raquelnu@wrm.org.uy, com base na informação obtida de: “Salud de los ecosistemas. Un pensamiento articulador”, Julio Monsalvo, <http://www.altaalegremia.com.ar/>; “La salud de los pueblos indígenas y el Proyecto de Gas de Camisea”, Informe para la AIDSEP, Dora Napolitano, Carolyn Stephens,

---

<http://www.lshtm.ac.uk/pehru/communities/camisea-salud.pdf>; Medicine Keepers: Issues in Indigenous Health, Lori A. Colomeda y Eberhard R. Wenzel, <http://www.ldb.org/indheal.htm>